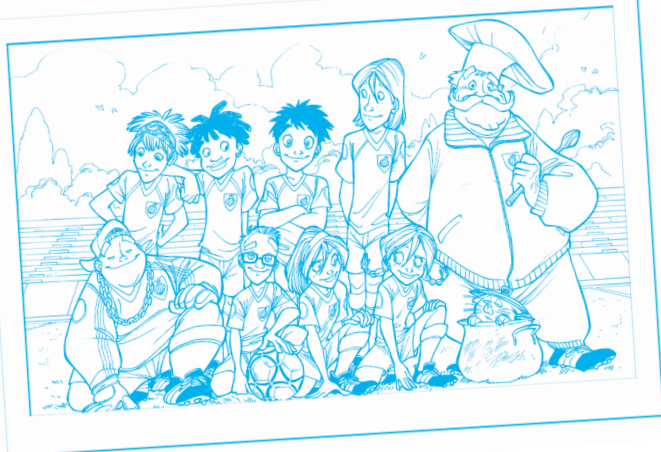


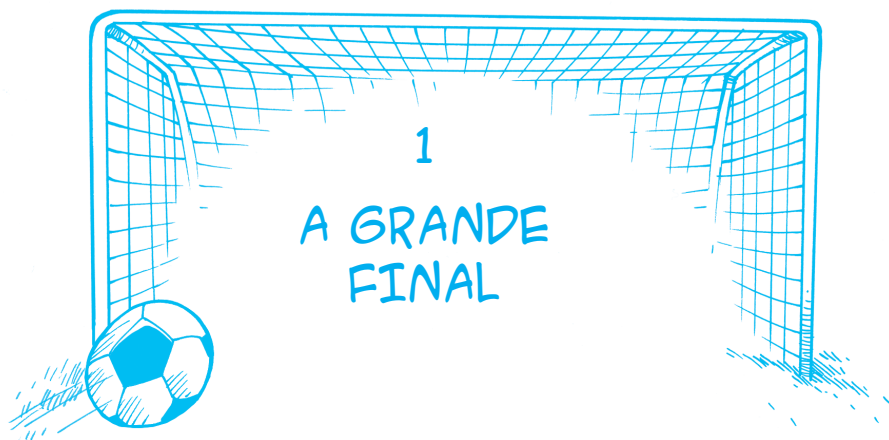
Luigi Garlando

## O pontapé inicial



Ilustrações  
Stefano Turconi

EDITORA  
**FUNDAMENTO**



Se você gosta de futebol, não pode perder esta partida de jeito nenhum. Pode acreditar. Curta o espetáculo e no fim você vai dizer se tenho ou não razão.

Os times já estão em campo: aqueles de camisa vermelha e calções pretos são os jogadores dos Diabos Vermelhos, aqueles de camisa azul e calções brancos são os jogadores da Academia Azul. Como todos os anos, eles estão prestes a disputar a final do campeonato. Entra ano, sai ano, o campeão é sempre um deles: ou os Diabos, ou a Academia. Não dá outra. Eles são os clubes juvenis mais fortes de Milão, aqueles em que todos os meninos sonham jogar um dia, porque pertencem a Milan e Inter, clubes que acabam escolhendo os melhores jogadores das categorias juvenis para jogarem no time principal.

Está vendo aquele senhor de camisa branca, sentado do lado direito da tribuna? Não, não aquele com uma





## A GRANDE FINAL



espécie de cogumelo na cabeça. O outro, ao lado dele, loiro, de óculos escuros, que está lendo jornal. Ele. Aquele senhor já foi um famoso zagueiro do Milan, jogou inclusive na seleção italiana e agora trabalha como observador de talentos, ou seja, acompanha jogos para descobrir pequenos campeões e levá-los para o grande time do Milan.

Em geral, acabam jogando no Milan os jogadores que se destacam nos Diabos Vermelhos, enquanto os melhores da Academia Azul vão jogar na Inter. Então podemos dizer que a rivalidade existente entre Milan e Inter vale também para a Academia e para os Diabos. Isso ajuda a entender a importância da final que está para acontecer e dá uma ideia da motivação dos jogadores. Ninguém está a fim de perder, senão terá que esperar um ano inteiro para se vingar e aguentar a gozação dos rivais durante todo o verão.

Como eu estava dizendo: será um jogo emocionante e, com certeza, vamos nos divertir à beça.

Mas, já que ainda faltam alguns minutos para o apito inicial, gostaria de apresentar alguém importante na história que estou para contar. Ele também está sentado na tribuna e você já o viu: é aquele senhor com uma espécie de cogumelo na cabeça que, na verdade, é um chapéu de chef. É que *monsieur* Gaston Champignon é realmente um chef.





GOL!

O engraçado é que o sobrenome dele, Champignon, significa em francês exatamente “cogumelo”! Por isso, se ele fosse brasileiro, seria chamado de Gastão Cogumelo. Mas isso não é a única coisa engraçada na vida do nosso simpaticíssimo “senhor Cogumelo”. Como vocês podem ver, ele sempre carrega uma concha de madeira, mesmo quando não está na cozinha, e jamais se separa de seu gato cinza, o Panela.

O gato se chama assim porque tinha o vício de dormir dentro das panelas do restaurante e diversas vezes quase acabou indo para o forno. Para evitar que isso acontecesse, o senhor Champignon decidiu colocar uma almofada no fundo de um velho panelão que não usava mais. Desde aquele dia, o gato se acostumou a entrar apenas naquela panela para tirar suas sonecas.

Panela é o gato mais dorminhoco do mundo. Depois que fecha os olhos, não há como acordá-lo. Nem se alguém fizer uma batucada com uma colher no panelão, consegue despertá-lo de seus sonhos com peixe na grelha e ratos presos na ratoeira. Quando há muita luminosidade, o senhor Cogumelo coloca uma tampa sobre o panelão e Panela dorme o sono mais doce do mundo.

Gaston Champignon, quando jovem, foi um grande meio-campista, um camisa 10 de grande classe, como Platini e Zidane, os dois campeões franceses que jo-





## A GRANDE FINAL



garam no time da Juventus de Turim. No entanto, se o máximo que Gaston conseguiu foi jogar em times da 2ª divisão é porque ele tinha um pequeno problema: no fim de cada jogo, ele sentia uma fome de leão e comia por três. Primeiro limpava o próprio prato, depois atacava o que sobrava dos pratos de seus companheiros. O treinador ficava olhando para ele com as mãos na cabeça, preocupadíssimo, e todas as terças-feiras, antes de recomeçar os treinamentos, colocava seu camisa 10 sobre a balança.

— Está vendo, Gaston? — repreendia-o. — Mais uma vez, você engordou dois quilos. Agora terá que treinar o dobro dos outros.

Por isso, se os companheiros de Gaston davam 10 voltas ao redor do campo, ele tinha que dar 20; se os companheiros faziam 50 flexões, ele tinha que fazer cem. No fim de cada treinamento, ele ficava tão cansado que não conseguia sentir fome, apenas sono. E ia direto para a cama. Assim, no domingo, dia de jogo, Gaston se apresentava em plena forma novamente. O problema é que, logo em seguida, quando ia para o restaurante, não demorava muito para voltar a ganhar os dois quilos que tinha perdido com tanto esforço...

Em suma, o jovem Gaston Champignon era uma espécie de sanfona que toda semana se enchia e se esvaziava, até que, um belo dia, cansado de dar voltas no campo e

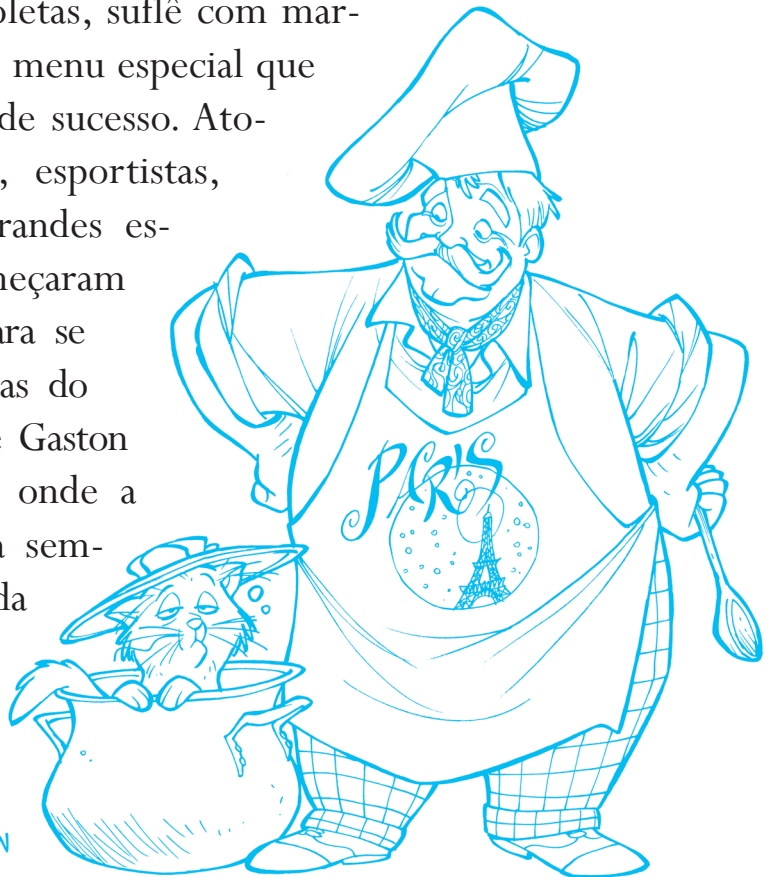




GOL!

fazer flexões, decidiu abandonar o futebol para se dedicar à verdadeira paixão da sua vida: a culinária. E, graças ao dinheiro que tinha ganho jogando futebol, conseguiu abrir um restaurante em Paris que, em poucos anos, se tornou um dos mais conhecidos da França.

O restaurante de Gaston Champignon tinha um nome quase tão esquisito quanto o nome do gato: Pétalas na Panela. E esquisitos eram também os pratos que ele preparava: tudo à base de flores. Macarrão com molho de tomate e flores de abóbora, salada de espinafre com violetas, suflê com margaridas... Um menu especial que logo fez grande sucesso. Atores, cantores, esportistas, políticos e grandes escritores começaram a fazer fila para se sentar às mesas do restaurante de Gaston Champignon, onde a atmosfera era sempre perfumada como um jardim de primavera.



GASTON CHAMPIGNON  
E PANELA



## A GRANDE FINAL



Uma noite, no Pétalas na Panela, entrou uma jovem belíssima, enrolada em um xale branco. Gaston a viu da cozinha e o coração dele começou a bater mais forte, como quando era obrigado a fazer cem flexões. Ele lavou as mãos e fez questão de servi-la pessoalmente com um prato de risoto com pétalas de rosa. Outras rosas (estas com galho, espinho e tudo) ele mandou entregar no Teatro da Ópera, onde aquela jovem italiana, chamada Sofia, dançava todas as noites. Gaston e Sofia se casaram na igreja de Notre-Dame, em Paris, dois anos depois. Faz cinco anos que eles se transferiram de Paris para Milão, na Itália, onde a senhora Champignon ensina dança a jovens bailarinas. *Monsieur* Champignon continuou a trabalhar como chef: abriu um restaurante com o mesmo nome, Pétalas na Panela, na periferia de Milão, que acabou fazendo tanto sucesso quanto aquele de Paris.

Agora você vai me perguntar: o que o senhor Cogumelo está fazendo ali na tribuna com a concha na mão e o gato adormecido sobre as pernas? É simples: ele está torcendo.

No prédio da rua onde está localizado o restaurante Pétalas na Panela, mora um jovem chamado Tomás, que quase todo mundo conhece por Tomi.

Um dia, o chef tinha ido até o terraço levar o lixo do restaurante. Tomi estava agachado enchendo o pneu da bicicleta, quando avistou uma mexerica que tinha caído do





GOL!

saco de lixo de Champignon e estava rolando pelo chão. Tomi se levantou e começou a fazer embaixadas com a fruta como se fosse uma bola. Direita, esquerda, direita, esquerda... Tomi tocava na mexerica sem deixá-la cair.

O chef ficou olhando para ele admirado: aquele rapazinho realmente tinha habilidade com os pés. E decidiu desafiá-lo:

– Vamos ver se você consegue fazer isto!

O senhor Cogumelo apanhou outra mexerica e, depois de fazer algumas embaixadas, deu um toque de calcanhar e a jogou para o alto. Antes de a mexerica cair, ele tirou o chapéu de chef, dobrou levemente os joelhos, fez a fruta parar sobre a cabeça, recolocou o chapéu e abriu os braços, como se quisesse dizer “a mexerica sumiu...”.

Tomás, ao ver aquilo, ficou boquiaberto. O chef então lhe estendeu a mão:

– Prazer. Eu me chamo Gaston. Gaston Champignon.

– E eu sou o Tomi – respondeu o menino, apertando a mão do chef.

Foi assim que nasceu a amizade entre os dois.

Após cada jogo, Tomi passava na cozinha do Pétalas na Panela para contar como tinha jogado e ficava ali escutando velhas histórias sobre o futebol francês e aprendendo sobre as flores.

Hoje, Gaston Champignon está sentado aqui na tribu-





na para apoiar o amigo Tomi, que joga na Academia Azul. Atenção, o árbitro deu o apito inicial! Começa a grande final!

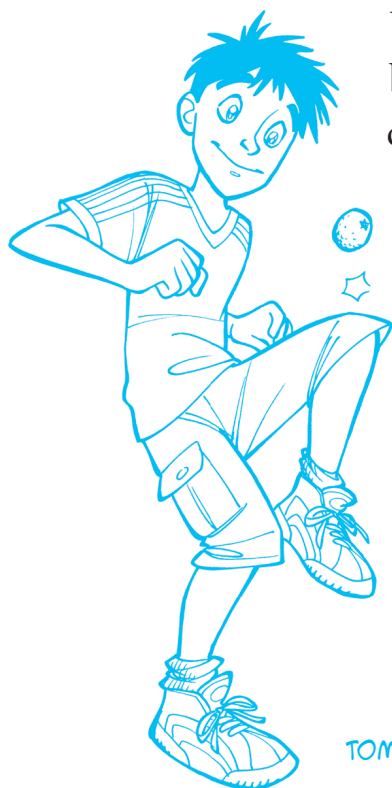
Mas quem é Tomi? Não, você não deve procurá-lo dentro de campo. Tomi é um dos meninos que está sentado no banco de reservas, aquele que está roendo as unhas da mão direita. Ele deve estar muito nervoso...

Tomás tem 10 anos, mas joga com os meninos de 12 porque é realmente muito habilidoso com a bola nos pés. Um pequeno fenômeno.

Só que, jogando contra adversários mais encorpados do que ele, geralmente se encontra em desvantagem.

Veja, por exemplo, o capitão dos Diabos Vermelhos, o zagueiro que veste a camisa número 5. Ele é quase tão alto quanto o juiz, é imbatível de cabeça e as pernas dele são grossas como troncos de árvore. Ele sabe cobrar faltas magistralmente. O braço daquele Diabo Vermelho é mais grosso do que a perna de Tomi...

Ele se chama Giordano, é o melhor jogador do time. O observador de talentos, de óculos escuros, veio especialmente para observá-lo.



TOMI